

## **#DeixaElaTrabalhar: Análise Cultural da Representação da Mulher no Jornalismo Esportivo<sup>1</sup>**

Naiara Ashaia Rodrigues dos SANTOS<sup>2</sup>

Gerson de SOUSA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo analisar a afirmação da identidade da mulher no jornalismo esportivo. Tem como objeto a campanha #DeixaElaTrabalhar, organizada por 52 jornalistas da área esportiva, para denunciar o assédio sofrido durante a prática jornalística. A problemática está em compreender se a campanha tem a capacidade de produzir novo sentido frente ao assédio e ao preconceito contra as mulheres no futebol. A análise revela como a #DeixaElaTrabalhar produz sentido consoante à identidade da mulher e combate sua representação social e sua imagem estereotipada ligada ao esporte, a partir de uma análise cultural com base na teoria dos Estudos Culturais.

**PALAVRAS-CHAVE:** análise cultural; identidade; jornalismo esportivo; mulher; representação.

### **TEXTO DO TRABALHO**

#### **Introdução**

A ligação da mulher com o esporte, em especial o futebol, é um assunto de interesse social desde o início do século XX, nos primórdios do futebol no Brasil. Inicialmente as mulheres eram tidas como espectadoras, mas, em meados da década de 1920, começaram a disputar jogos. Na época, o futebol era visto como um esporte violento demais para o corpo feminino, por este ser considerado frágil.

Havia também a ideia de que a atividade esportiva poderia comprometer a função social da mulher na sociedade: a maternidade. Para muitos, o contato e o esforço que o futebol necessita demonstra que este não foi feito para mulheres. Em 14 de Abril de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ 8 – Estudos Interdisciplinares em Comunicação do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFU-MG, e-mail: [naiara.ashaia.rs@gmail.com](mailto:naiara.ashaia.rs@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor orientador. Professor do Curso de Jornalismo e do Programa de Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação da Faculdade de Educação da UFU-MG, e-mail: [g.sousa1971@hotmail.com](mailto:g.sousa1971@hotmail.com)

---

1941, o então presidente Getúlio Vargas assinou o Decreto-Lei nº 3.199, na qual o artigo 54 proibia a mulher de qualquer “prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. Este foi revogado em 1979. Durante 38 anos, as mulheres se viram privadas de praticar o esporte simplesmente por serem mulheres.

Esses anos de proibição resultaram em uma construção social na qual a relação do futebol se estabelece com o sexo masculino. Como as mulheres não podiam jogar, elas iam assistir para acompanhar seus maridos, filhos ou namorados. O lugar da mulher na arquibancada se dissociava com apreciar o esporte, sendo ligada ao homem que estava jogando.

Quase 40 anos se passaram desde que o Decreto-Lei que separava a mulher do esporte revogou, mas o legado dos anos em que este era válido ainda são sentidos. A legitimação da inferioridade da mulher e a dissociação ao esporte não terminou com a extinção deste. A construção social formada neste período se estende até aos dias atuais, com a ideia da representação da mulher. Mulheres entram no curso de jornalismo atualmente querendo a área esportiva e são alvos de questionamento sobre sua capacidade e sua sexualidade.

O Decreto-Lei estabelecia a mulher segundo sua função social e não enquanto sujeito que tem autonomia para definir suas funções. Mesmo ocupando diversas áreas profissionais, a mulher que pretende se tornar jornalista dificilmente tem sua imagem ligada ao esporte, pois a ideia da dissociabilidade entre a mulher e o esporte é presente. Surge, então, a campanha #DeixaElaTrabalhar, organizado por 52 jornalistas esportivo como uma forma de afirmação de gênero e de demonstrar que, assim como diz um dos lemas do movimento feminista, “lugar de mulher é onde ela quiser”. Esta tem a proposta de ressignificar a representação do gênero feminino no jornalismo esportivo, contestando o que leva ao assédio e o expando. O machismo presente na sociedade omite os casos de assédio ou os coloca como uma “frescura” da vítima. A campanha aponta que isso é desrespeito a identidade da mulher.

Depois do lançamento da campanha, casos de processos e denúncias tomaram lugar na mídia, a ponto de a jornalista Kelly Costa denunciar um torcedor durante uma transmissão ao vivo, que resultou na retirada dele do estádio. O questionamento desse

---

artigo é relacionado à importância da #DeixaElaTrabalhar para a transformação na consciência de torcedores, jogadores e técnicos sobre comentários e atitudes direcionados às jornalistas esportivo.

O artigo traz o seguinte problema: A campanha #DeixaElaTrabalhar, como uma ação afirmativa de gênero, tem a capacidade de produzir novo sentido frente ao assédio e ao preconceito contra as mulheres no futebol?

### **Desenvolvimento**

A pesquisa de Richard Hoggart na área de Estudos Culturais se pauta nos materiais da cultura popular e dos meios de comunicação de massa. Para Ana Carolina Escosteguy (2001), esse trabalho tem o papel de que do âmbito popular podem surgir movimentos de resistência.

A autora afirma que a partir da década de 1970 os estudos sobre os meios de comunicação analisavam a estrutura ideológica da cobertura jornalística. Para Stuart Hall, o feminismo rompe teorias decisivas que alteram uma prática acumulada em Estudos Culturais. Há, então,

“a abertura para o entendimento do âmbito pessoal como político e suas consequências na construção do objeto de estudo dos Estudos Culturais; a expansão da noção de poder [...]; a centralidade das questões de gênero e sexualidade para a compreensão da própria categoria ‘poder’; a inclusão de questões em torno do subjetivo e do sujeito [...]”. (ESCOSTEGUY, 2001, p. 162)

O método definido para o desenvolvimento do projeto é o dialético. Este consiste em considerar todas as contradições pertencentes ao objeto de estudo, além de investigar a ideologia que o permeia para conhecê-lo em sua totalidade. Anna Vitória Ferreira Rocha (2015) aponta que este método é o mais indicado para se compreender certo momento de uma luta política, histórica e social, já que através dele é possível construir a análise pautada na historicidade do objeto de estudo e do movimento que está ligado a ele. O método dialético é o mais indicado para este projeto, considerando que a campanha #DeixaElaTrabalhar está em um contexto social pela busca dos direitos e do respeito às mulheres. A forma como a mulher é representada se contrapõe com a

---

identidade afirmada na campanha. O resultado é uma diferença notável entre as cartas de repúdio e o pedido de desculpas. No primeiro, há o fortalecimento da identidade das jornalistas, enquanto no segundo há a reafirmação da função social da mulher.

A abordagem de Análise Cultural aparece ao contextualizar a campanha na estrutura política e social e no impacto que ela causa nessas esferas. Esta abordagem analisa os padrões sociais e culturais para com determinado sujeito antes de direcionar o debate sobre o sentido que este causa. A #DeixaElaTrabalhar questiona os padrões pré-determinados na sociedade de qual é a função da mulher e seu lugar. A proposta da campanha é demonstrar que a representação feminina na mídia é um preconceito social que nega as mulheres enquanto sujeitos.

Para realizar a análise neste artigo, pretende-se usar os conceitos de Representação e Identidade. A mulher está vinculada a representação social que não a vê como sujeito, buscando afirmar sua identidade a partir do debate sobre o seu lugar.

A campanha enfrenta a ideia de que o esporte é masculino, principalmente o futebol. Ao apontar os casos de assédio sofrido por jornalistas, demonstra que estes são resultado do preconceito social sobre o gênero. Há a falta de reconhecimento de que as mulheres estão em seu ambiente de trabalho, exercendo o direito enquanto cidadãs. Por ser um lugar que também as pertence, não deveriam ser questionadas por sua capacidade, muito menos serem forçadas a mostrar esta qualidade em troca de respeito.

Em seu livro *Cultura e Representação*, Stuart Hall (2016) afirma que a “Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura”. A representação de algo ou alguém produz na sociedade um significado comum a todos.

Quando se fala da mulher enquanto sujeito social, nota-se que há uma imagem enquanto parte mais fraca e responsável apenas por atividades domésticas. De geração em geração, homens colocaram-se como “responsáveis” por elas devido a sua fragilidade.

Esta forma de representação gerou o sentimento de superioridade masculina. A ideia de que o homem tem direito sobre o corpo e a vida da mulher se tornou comum. O machismo também é um costume social, a ponto de ser imperceptível a muitos. O resultado dessas colocações são casos de assédio e de violência contra a mulher, onde a culpa é colocada em sua aparência ou atitudes ao invés de no próprio agressor.

---

A campanha #DeixaElaTrabalhar visou, então, desconstruir essa representação feminina. Ao gravarem o vídeo com seus relatos, as jornalistas questionaram o porquê de serem assediadas por serem mulheres. Afirmam que sua única vontade é ser respeitada enquanto exercem sua profissão. Questionam o fato de serem vistas por sua função, um modelo retrógrado de representação, ao invés de mulheres dentro de uma ocupação, que ressalta sua identidade.

O conceito de Identidade tratado aqui se relaciona ao indivíduo enquanto ser social. Para Stuart Hall (1992), a mudança no conceito de identidade social, pautado na ideia de relação estável entre o sujeito e o mundo, os tornando “reciprocamente mais unificados e predizíveis”, produz o sujeito pós-moderno. Este possui uma identidade móvel, descentrada e fragmentada.

Assim, quando a mulher se posiciona como forma de se contrapor a maneira sob a qual é representada dentro do jornalismo esportivo, se apropria de uma nova identidade: a de um ser humano capaz de abordar qualquer temática dentro de sua profissão. Não só por sua produção intelectual, mas também por seu gênero não dissociá-la da compreensão sobre o esporte. Hall afirma que:

“A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (1992).

Por se tratar do jornalismo esportivo, a análise se restringirá aos movimentos ocorridos nessa área específica. Não será tratada a historicidade do esporte no jornalismo, mas sim a definição de Ary Rocco Junior em uma entrevista na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro em setembro de 2015. Para ele, Jornalismo Esportivo é:

“[...] uma especialização do jornalismo que especificamente trata ou deveria tratar de todas aquelas pautas relacionadas ao universo do esporte: prática esportiva, fomento ao esporte, megaeventos esportivos, competições esportivas, o atleta, o treinador; ou seja, todo aquele universo que efetivamente é responsável pelas modalidades esportivas e pelas

---

competições esportivas em nível local, nacional, internacional e fomento do esporte” (op. cit. JUNIOR, 2016).

Essa definição não contém delimitação referente ao gênero tanto dos praticantes quanto para aqueles que pretendem trabalhar na área esportiva. A própria definição de jornalismo esportivo se contrapõe ao questionamento quanto à capacidade de mulheres que trabalham nessa área. Aqui fica claro que o gênero não determina o conhecimento sobre certo assunto.

### **Análise**

Para a análise, selecionou-se os últimos dois casos de assédio contra jornalistas esportivo durante o trabalho que aconteceram antes do lançamento da campanha. São eles os ocorridos com Renata de Medeiros e Bruna Dealtry.

Em 11 de março de 2018, Renata de Medeiros, jornalista da Rádio Gaúcha, cobria o clássico do Rio Grande do Sul, Grêmio *versus* Internacional, conhecido como Gre-Nal. Medeiros estava na torcida do Internacional quando ouviu xingamentos de um torcedor do time direcionados a ela. Com o intuito de intimidá-lo, a jornalista começou a gravar um vídeo e falou para ele repetir o que disse. Nesse momento, o homem a agrediu.

Devido à ação de um segurança, o soco não acertou totalmente a repórter, mas foi o necessário para deixar um hematoma em seu braço. A polícia retirou o torcedor do estádio e o conduziu ao Juizado Especial Criminal (JECRIM). Medeiros registrou um boletim de ocorrência. Tanto a Rádio Gaúcha quanto o Internacional lançaram notas de repúdio.

Interessante ressaltar que, três dias antes, quando comemorado o Dia Internacional da Mulher, a própria Renata de Medeiros escreveu uma coluna sobre a inserção de torcidas organizadas inteiramente femininas nos estádios. Nesta, ela destacou que o Internacional é o único clube que tem uma organização dessa registrada em todo o Rio Grande do Sul, a Força Feminina Colorada. Segundo a jornalista:

“O lugar da mulher nas torcidas, nos clubes e no jornalismo esportivo ainda não se tornou natural. Prova disso, por exemplo, é que apenas 13% dos profissionais que aparecem nos canais de TV

---

fechada são mulheres, segundo pesquisa feita pelo portal Uol há pouco mais de um ano.”

Na mesma semana, no dia 13 de março, Bruna Dealtry, jornalista do canal Esporte Interativo, estava na entrada do estádio São Januário, no Rio de Janeiro, em meio à torcida do Vasco da Gama. Durante a transmissão ao vivo referente ao jogo contra o Universidad Del Chile, um torcedor do time brasileiro a beijou sem seu consentimento e saiu rindo. A jornalista comentou brevemente sobre o desconforto e continuou trabalhando.

No dia seguinte, a jornalista escreveu um texto em uma rede social, no qual relata o sentimento de impotência frente ao assédio. A foto utilizada era um *print* do vídeo, seguido pelo trecho em que Dealtry é beijada. A emissora e o clube também lançaram notas de repúdio.

Em ambos os casos, o posicionamento das repórteres aborda o espanto frente ao assédio e violência sofridos em seu ambiente de trabalho. Em certo trecho, Dealtry afirma que apesar de sua faculdade, seus cursos, de estudos táticos e pesquisas, o torcedor se achou no direito de beijá-la. “(...) pelo simples fato de ser uma mulher no meio de uma torcida, nada disso teve valor para ele”, escreve.

Apesar do movimento de construção intelectual e produção de conhecimento sobre a área esportiva, este é negado pela representação da mulher. Mesmo com inúmeros cursos, a jornalista ainda é subjulgada em comparação com os colegas do gênero masculino, que não se encontram na obrigação de demonstrar suas capacitações para validar seu conhecimento. Não se trata da função da mulher, mas do ser mulher no esporte, o que vai de encontro à construção social que indica que os únicos capazes de abordar esse assunto são os homens.

Por mais que não condizam com a construção social, viram a necessidade de se posicionar para conquistar seu espaço. A representação da mulher enquanto frágil interfere na sua aproximação com o esporte a ponto de esta se sentir inferior. Quando adentra na área, este conceito resulta em outra questão dentro do machismo: a objetificação. Dealtry termina sua nota com a frase “Sou repórter de futebol, sou mulher e mereço ser respeitada”. Há a afirmação de sua identidade enquanto pessoa e jornalista

esportivo, não como um objeto que pode ter seu corpo violado. A sua capacitação intelectual é irrelevante quando o limite do seu espaço físico não é respeitado.

A construção que inferioriza as mulheres em geral é questionada. A representação do ser mulher na sociedade está intrínseca ao que é considerado sua função social e a ideia de que elas são propriedades dos homens. Consequentemente, muitas são alvo de assédio por parte de pessoas desconhecidas que se veem no direito de ultrapassar o limite de outro ser humano. Este pensamento provoca a anulação da mulher enquanto sujeito, é violência verbal, física e também emocional.

Em certo trecho da nota, a jornalista descreve: “Mas ontem, senti na pele a sensação de impotência que muitas mulheres sentem em estádios, metrô, ou até mesmo andando nas ruas”. Como o jornalismo esportivo é um ambiente predominantemente masculino, elas precisam afirmar sua capacitação e o fato de exercerem seu trabalho para contrapor o posicionamento dos agressores. Isso se prende ao campo da representação, onde as jornalistas tem que provar que podem abordar a temática esportiva, ato que os homens não precisam realizar. O esporte continua sendo “coisa de homem” e as mulheres tem que se esforçar não só para serem reconhecidas além da objetificação, mas também para serem respeitadas enquanto profissionais.

No dia 15 de março, o torcedor identificado como Junior publicou um vídeo se desculpendo com Dealtry e com a sua família, dizendo que está envergonhado pois o vídeo “viralizou”. Nele, afirma que estava embriagado, mas que o beijo foi no rosto e não é uma pessoa que pratica assédio. Durante o vídeo, insiste que a jornalista leia os e-mails enviados por ele e que isso acalme o coração dela.

Junior reforça a representação social da mulher nos pouco mais de dois minutos em que fala. Ao pedir desculpas para Dealtry e sua família, reforça a ideia de respeitar o marido e não a própria vítima do assédio. A propriedade dele não foi violada, quem sofreu foi a jornalista e o vídeo não se direciona a ela.

Outro momento que demonstra o machismo enraizado e a negação da identidade feminina é a preocupação do agressor com a sua própria imagem. Ele conta que amigos estavam entrando em contato com ele para questioná-lo sobre o ocorrido e isso o

chateava. Por isso, Dealtry deveria responder suas “várias mensagens” para esclarecer que foi uma brincadeira.

Junior afirma que não assedia, mas que no dia havia bebido e quis apenas dar um beijo no rosto da repórter para aparecer na televisão. O que ele não percebe é a irrelevância de onde pretendia beijá-la. O corpo dela foi desrespeitado apenas por ser uma mulher trabalhando em um evento esportivo. Em que lugar do corpo foi o beijo ou o estado em que ele se encontrava não importa frente à negação do valor de um sujeito devido ao seu gênero.

Em entrevista para a UOL Esportes, a jornalista afirma que o machismo esta cada vez mais exposto e que mostrar essas ações ao público provocava o debate e o apoio. Dealtry criou um grupo com o intuito de encorajar as mulheres que trabalhavam com ela a denunciar casos de assédio. Jornalistas de outras redações se juntaram ao movimento, até que o número de integrantes chegou a 52. Foi quando decidiram produzir textos e vídeos sobre a temática, em forma de campanha.

Em 25 de março, lançaram a campanha #DeixaElaTrabalhar. Composta por estas 52 jornalistas, o grupo lançou um vídeo de cerca de dois minutos com algumas relatando que já sofreram casos de assédio e que só pediam uma coisa: respeito.

A campanha repercutiu dentro e fora do Brasil, sendo um símbolo da união feminina em busca de desconstruir a representação da mulher, principalmente no ambiente esportivo, e questionar a construção social da sua função na sociedade. As jornalistas apresentam-se como pessoas capazes de abordar qualquer temática, incluindo o esporte. Sua construção intelectual vai de encontro com os questionamentos sobre sua competência.

Os homens que trabalham com o jornalismo esportivo não necessitam provar sua capacidade. Este simples ato reforça que a sociedade ainda vê a mulher segundo sua representação. A dissociação com o esporte legitimado pelo Decreto-Lei de 1941 permanece no mundo contemporâneo.

É nesse momento que a campanha surge. A capacitação intelectual apresenta que as mulheres podem tratar do esporte de forma eficaz. Mas a #DeixaElaTrabalhar foca na

identidade das jornalistas enquanto sujeito. Ao contrário do que é declarado em sua representação, seu corpo não é de nenhum homem, é seu.

A mulher retoma a colocação enquanto sujeito histórico e apresenta que sua identidade não é determinada pela função social ou pela violência. Há jornalistas que podem não ter sofrido com assédio enquanto trabalham, mas se uniram a bandeira do respeito para que este seja uma verdade na vida de todas.

A identidade da mulher vai além de se declarar como jornalista. Enquanto sujeito, outras se unem para que todas que se afirmem como mulher recebam respeito. Apesar de a campanha ter partido de um movimento contrário ao desrespeito e ao assédio, ela não se sustenta pela violência ou como um pedido de concessão de direito aos homens. É um momento em que a mulher se reconhece como sujeito histórico dentro de um campo de luta por igualdade de direitos.

### **Considerações Finais**

O assédio sofrido pelas mulheres resulta principalmente de três obstáculos que impossibilitam que estas sejam vistas enquanto sujeito: a sociedade machista, a representação e a função social definida como sua. Quando se considera a área esportiva, surge mais um obstáculo. O Decreto-Lei de Getúlio Vargas legitimou a construção social da incompatibilidade entre a mulher e o esporte.

A campanha confronta esses quatro obstáculos, desde o motivo de sua criação até o lançamento do vídeo. O fato das jornalistas analisadas não se calarem frente ao assédio questiona a sociedade machista que as apresenta como inferiores e que está acostumada a ignorar esse tipo de agressão. Ao ressaltarem sua identidade enquanto profissionais com competência para trabalhar na área esportiva, há o conflito com a construção de sua função social focada na maternidade e a dissociação da imagem da mulher com o esporte.

As mulheres se posicionam enquanto sujeito e afirmam a sua identidade, respaldada pela historicidade do movimento feminista. Acima dos questionamentos e da violência, são seres humanos com capacitação profissional e construção intelectual e que resolvem trabalhar na área esportiva. Sua identidade não é a forma como é representada, frágil e

---

alienada, mas sim mulheres que acreditam na importância do jornalismo e escolhem praticá-lo, unindo sua profissão ao seu amor por esporte.

As jornalistas que passaram por casos de assédio e violência não se limitaram a eles. Não são os agressores que dizem quem ela é. Quando a opinião ou capacidade delas foi questionada, elas se uniram para mostrar que sabem quem são. Não se calar frente a isso demonstra a sua força e perseverança.

Mesmo quem não sofreu assédio vê a causa como importante. Ser mulher não é limitada a pessoas que sofrem com machismo, é quem elas são, por isso lutam pelo direito de ser respeitada, com foco no momento em que exerce sua profissão. Por mais que ainda sejam desrespeitadas, sua identidade está construída a partir do significado de ser sujeito e passa a afirmá-la para a sociedade, sabendo que não estão só.

A campanha tem o intuito de externalizar o que as mulheres são. Além de pessoas que sofrem violência, são sujeitos históricos, com capacidades e direitos iguais e que reivindicam que isso seja verdade. #DeixaElaTrabalhar questiona a representação da mulher que aceita ser humilhada e brada em alta voz que lugar de mulher é onde ela quiser.

---

## REFERÊNCIAS

DECRETO-LEI Nº 3.199, de 14 de Abril de 1941. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 25 de junho de 2018.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografia dos estudos culturais** – Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FERREIRA, Cláudia Passos. **Seria a moralidade determinada pelo cérebro?** neurônios-espelhos, empatia e neuromoralidade. Physis, Rio de Janeiro, vol.1, n. 21, 2011. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312011000200008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312011000200008&script=sci_arttext)>. Acesso em 01 de maio de 2018.

GERHARDT, Tatiana Engel; SOUZA, Aline Correa de. Unidade I: aspectos teóricos e conceituais. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (ORG.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2009, 144 p.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol: Entre bolas e bonecas, a dificuldade de inserção. **Revista Pré-Univesp**. n. 61, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

\_\_\_\_\_. **Cultura e representação**. Trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

JUNIOR, Carlos Augusto Tavares. **Jornalismo Esportivo: influências da prática na profissão**. 2016. Disponível em <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2016/resumos/R53-0148-1.pdf>> Acesso em 15 de maio de 2018.

MORAES, Ana Luiza Coiro. A Análise Cultural. In: COMPOS, 24, 2015, Canoas. **Epistemologia da comunicação**. Brasília: Compós, 2015.

ROCHA, Anna Vitória Ferreira. **É tarde demais para nos calar: O feminismo nas esferas públicas midiáticas**. 2015. 128 p.

SILVA, Edna Lúcia da, MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

VAZ, Paulo Bernardo. **Narrativas fotográficas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

UOL ESPORTES. **“Assediada por torcedor, repórter desabafa: ‘Me senti frágil, impotente’.**” Disponível em <<https://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2018/03/14/assediada-por-torcedor-reporter-desabafa-me-senti-fragil-impotente/>>. Acesso em 28 de outubro de 2018

UOL ESPORTES. **“Torcedor do Vasco pede desculpas após assédio a repórter”.** Disponível em <<https://videos.bol.uol.com.br/video/torcedor-do-vasco-pede-desculpas-apos-assedio-a-reporter-04024C9B3660C4A16326>>. Acesso em 28 de outubro de 2018